

O HUMANO CONTRA O TEMPO: QUAL O LUGAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NESTA GUERRA?

Samuel Lopes Pinheiro

Humberto Calloni

Resumo

O texto trata de uma busca por compreender a atual relação do humano contemporâneo com o tempo. Tempo este acentuado por características de imediatez, efemeridades e uma sociedade altamente voltada para o consumo. A pergunta que se coloca está situada no âmbito de qual é o tempo que temos para uma escuta atenta de nós mesmos? A partir disso, provocar a Educação Ambiental a pensar sobre o lugar do educador ambiental como um intérprete de seu tempo, que se preocupa em traduzir sobre as angústias e incertezas das relações humano e humano, humano e natureza, humano e não-humano. Para a proposição de alargamento da temporalidade, ou do arrefecimento da sensação de falta de tempo, surge a contribuição de concepções orientais acerca do silêncio. Por sua vez, este silêncio oriental tem características de eloquência e atividade, contribuindo na sensibilização de um processo de auto ética, que ao final é uma ética de si mesmo e do/com o outro. Ao final volta-se a pergunta originária do texto, buscando tecer considerações sobre qual o posicionamento do educador ambiental no enfrentamento da guerra do tempo.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Oriente, Silêncio, Tempo, Transdisciplinaridade.

Sintonia para a pressa e presságio

*Escrevia no espaço.
Hoje, grafo no tempo,
na pele, na palma, na pétala,
luz do momento.
São na dúvida que separa
o silêncio de quem grita
do escândalo que cala,
no tempo, distância, praça,
que a pausa, asa, leva
para ir do percalço ao espasmo.*

*Eis a voz, eis o deus, eis a fala
eis que a luz se acendeu na casa
e não cabe mais na sala.¹*

Paulo Leminski

Palavras iniciais

A epígrafe anuncia o interesse pela dimensão poética para auxiliar a compor as tramas de significados deste trabalho. Paulo Leminski (1944 - 1989), poeta curitibano, já de cara apresenta-nos um paradoxo com o título de sua poesia *Sintonia para a pressa e o presságio*. Onde se situa esta temporalidade que concebe a pressa como estando em seu devido tempo de atuação, estando, pois, em sintonia? Entre as certezas e as incertezas, entre os pares contrários

¹ Poema de Paulo Leminski retirado do livro Leminski: “o samurai-malandro” de Dinarte Albuquerque Filho (2009).

como o *silêncio de quem grita*, ou entre o tempo e o espaço se encontram contradições que se complementam e se realizam através do fazer, que no caso do poema, é o fazer poético, que ilumina e já *não cabe mais na sala*. Há uma clara referência a poesia concreta ao provocar um desequilíbrio quando afirma que “escrevia no tempo”. Ao mesmo tempo parece buscar uma readequação a contemporaneidade quando indica ser a poesia não apenas a causalidade, mas repleta de corporeidade, numa ânsia entre indagações (ALBUQUERQUE FILHO, 2009 p. 79).

O presente trabalho provoca o campo da Educação Ambiental a pensar sobre a relação do homem contemporâneo com o tempo, e a partir disto surge a proposição do silêncio de motivações orientais para reivindicar um alargamento desta relação, a fim de que ela seja instauradora de autorreflexões por uma busca ética.

Esse intento se dará por meio de uma rede complexa que reabriga a subjetividade do sujeito do conhecimento na busca científica e que se dispõe ao diálogo de saberes. Essa abertura ao outro flui através da transdisciplinaridade que com rigor crítico busca na percepção do contato entre interioridade e exterioridade, uma outra maneira de enfrentar a lógica do tempo marcado pelo ritmo da imediatez e do consumo.

A guerra contra o tempo e a Educação Ambiental

“O tempo supõe uma visão sobre o tempo”

Merleau-Ponty

Há uma sensação de guerra de tempo contra tempo. O presente guerreia com o futuro e com o passado. O presente briga com o presente, o futuro guerreia com o passado. Com isso tem-se a sensação de um paradoxo alucinante de que quanto mais temos acesso a facilitadores tecnológicos para as demandas do cotidiano, menos tempo encontramos em nossas agendas.

A dimensão poética e espiritual do ser humano é usurpada por uma guerra contra o tempo. É Gilles Lipovetsky (1944 -), pensador francês quem coloca esta expressão de caráter bélico que estou utilizando. Ele diz que “estamos vivenciando um estado de guerra contra o tempo”. Há um fluxo de rotina, trabalho e informações no cotidiano que exige um ritmo frenético de produção e respostas dos sujeitos, que estão cada vez mais interconectados pela tecnologia.

Aqueles que entram na roda dinâmica deste giro do relógio de um tempo acelerado, costumemente apresentam sintomas de ansiedade. Aqueles que por inúmeras razões não conseguem manter-se no giro, tendem a desenvolver depressões oriundas da sensação de angústia. Aqueles que estão nesta relação de tempo apresentado na *hipermodernidade*², desenvolvem a doença contemporânea, chamada *estresse*. E aqueles que de alguma forma resistem a enxurrada produzida pelo modelo hegemônico muitas vezes tornam-se excluídos.

Para Iguimar Chaveiro (2014) o corpo se apresenta como um guardador de lugares, e o lugar como um guardador de relações corporais. E nestas relações entre corpo, lugar, espaço e tempo surgem fronteiras conflitivas e que são disputadas pela lógica mercadológica que vende às e nas corporeidades, uma ideia de bem-estar, *cool*, de moda e outros tantos mecanismos que se mascaram de emancipatórios, mas que ao final, repetem as mesmas alienações. E muitas das vezes somos absorvidos por esses mecanismos sem perceber devido ao escasso *tempo* que temos para a auto-observação. Pois quando vê, já estamos fazendo igual, já compramos e já assimilamos a mais nova tendência ou produto.

O tempo aparece então como uma chave de acesso capaz de relacionar uma compreensão melhor sobre o homem e o ambiente, sobre as corporeidades no espaço no sentido existencialista de Jean-Paul Sartre. Para a Educação Ambiental este é um esforço que vai no sentido de discutir sobre estas relações que perpassam a relação entre humano e natureza e entre Ter e Ser.

Retomando a ideia do educador ambiental como intérprete, um de seus desafios mais importantes seria o de articular as camadas de tempo de curta e longa duração relativas às compreensões das relações entre sociedade e natureza, compreensões essas que constituem as raízes do ideário ambiental de nossa civilização. [...]. Ao empreender essa tarefa de interpretação, o educador ambiental seria um provocador de novas compreensões dessas relações, ampliando percepções já estabelecidas no senso comum e questionando preconceitos bem como visões ingênuas e pouco ponderadas com as quais muitas vezes deparamos. (CARVALHO, 2012, p. 92)

O educador ambiental então torna-se como um intérprete, tradutor de seu tempo para pensar sobre sua relação com o ambiente. Para assim pensar sua condição existencial, num processo auto formativo de elaboração sobre seu agir, o que corresponde eticamente a pensar com o outro, pois o outro é extensão do eu. A alteridade em Educação ambiental aparece como um conceito caro, e o Silêncio do Ser pode representar um mecanismo de encontro deste eu, que é eu-outro.

² Expressão de Gilles Lipovetsky (2004) para se referir a era de nossa presente modernidade, que ele chama de hipermodernidade, caracterizada pela efemeridade das relações, a insegurança, a individualização e a expansão do consumo.

Qual o tempo que se tem para a escuta de si (silêncio)? Qual o tempo que se tem para o diálogo e a escuta do outro (a partir do silêncio prévio do e com o outro)?

A produção de subjetividade, ao remeter à ideia de territórios de existência, demonstra que há operações nos interstícios do espaço metropolitano em que as corporeidades traçam diferentes formas de gestão do tempo, que é, afinal, gestão da vida. A mesma complexidade criada pela profunda circularidade de símbolos edifica a possibilidade de invenção de outras temporalidades (CHAVEIRO apud MARANDOLA JR, 2014, p.273).

Para a gestão da vida sugere-se a gestão do tempo. O silenciamento das corporeidades na existência se evidencia pelo escasso tempo, ou do escasso tempo do homem contemporâneo para a manutenção e elaboração criativa da vida. Assim as dimensões poéticas da vida humana estão cada vez mais inacessíveis porque as sacrificamos diante as demandas da gestão temporal da vida traduzidas pela produção e consumo.

Essa relação conflituosa com o tempo impulsiona um silenciamento das vidas que vai na contramão do silêncio ativo das proposições orientais que percebem o silêncio como mecanismo de escuta atenta para o autoconhecimento. Mas mesmo estes conhecimentos, por vezes se tornam manipulados por doses de imediatismo do consumo ocidental para o simples aprimoramento do homem no sentido de sua produtividade, sem preocupar-se com sua profundidade. O silêncio contemporâneo torna-se angustiante devido a pressão da temporalidade estrangulada por um sentido de falta de tempo.

Uma abordagem Transdisciplinar para se pensar o Silêncio

A transdisciplinaridade não nos parece superficial no sentido de uma busca de uma homogeneização planetária, que fecha, sectariza e objetiva. Ao contrário, presume o rigor, a abertura e a tolerância como medidas críticas audazes para a manutenção do estado de alerta para não incorrer nas armadilhas egóicas da fragmentação ou do cientificismo *absoluto*, incapaz de se reconhecer no Outro e nos outros saberes.

Olhar-se a si mesmo através de uma busca de silêncio eloquente. Não como mais um mecanismo narcisista de disputa para consigo e para com o outro de uma eficácia pela mera eficácia. Mas para perceber com o ser inteiro, e tendo o Outro como extensão deste processo auto reflexivo. O simples fato de buscar autoconhecimento, opera um deslocamento de si constante que faz o sujeito buscador não apenas considerar o *si mesmo*, mas considerar também o Outro. Traduz-se, assim, em sujeitos que buscam um horizonte amplo de percepção, que se configura em novo ambiente de relações. A ética e a auto ética despontam no âmago do sujeito corroborando a construção de outras formas de construir as relações.

O Silêncio do Ser parece saltar aos olhos como uma intermediação entre níveis de realidade em “*O Manifesto da Transdisciplinaridade*” de Basarab Nicolescu (1999). Não como um lugar que precisa ser revisitado pelo homem, mas como uma membrana de interação entre o homem exterior e o homem interior, entre a subjetividade e a objetividade. Numa busca de contato entre níveis, o silêncio possibilita a escuta de um lado e outro, propondo a tradução pertinente para a dialogicidade em ação.

“A Educação Ambiental dialógica traz humildade na escuta da pronúncia de mundo do Outro. É autoconhecimento, pois traz a ação de re-conhecimento de meus outros ‘eu’, de minha própria ignorância, que procuro não mais alienar.” (SORRENTINO & COLS, 2010 p.21)

A dialogicidade não contraria o silêncio ao meu ver, mas com ele complexifica o sentido de educabilidade ambiental. Com isso, insere o terceiro secretamente incluído, porque toca e deixa-se tocar pelos sujeitos e objetos na relação. E a transdisciplinaridade e o silêncio se coabitam muito bem porque, como enfatiza Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade age “em nome de uma visão de equilíbrio entre interioridade e exterioridade do ser humano”.

O Silêncio surge como uma materialização estética da transdisciplinaridade, ou seja, a materialização entre a interioridade e exterioridade como foi referido acima. Uma ponte entre ser interior e ser exterior, o que emplacaria num esforço em arrefecer os paradigmas predominantes de separação tão incrustados em nosso ser para assim se fazer ouvir as dimensões apartadas de nós mesmos, como a afetividade, a sacralidade, os aspectos femininos, criativos e por assim dizer, transhumanos.

Na perspectiva transdisciplinar o conhecimento é entendido como construção e como busca de autoconhecimento (ABREU JUNIOR, 1996 p.180). Assim, por não se tratar de razão pré-determinada ou já estabelecida, se abre a possibilidade para a discussão do papel da educação através da exploração criativa e da construção de conhecimento. Neste caminho, o silêncio pode ser um mecanismo condutor do despertar do autoconhecimento.

O Silêncio oriental como inspiração ao autoconhecimento

“Da árvore do silêncio pende seu fruto, a paz.”

Arthur Schopenhauer (1788 - 1860)

Para este item abordarei sobre a Filosofia Vedanta, não-dualista, e Yoga, ambas vertentes de filosofia e práticas importantes da Índia. Dentro do conhecimento de Yoga, existe, tradicionalmente, quatro caminhos principais, sendo um deles chamado de Jnâna-

Yoga, que é o caminho da compreensão de si mesmo através da sabedoria e estudo. Pode-se dizer que é um trabalho de orientação mais mental ou racional. Aliás, curiosamente, os termos *Jnâna* em sânscrito e *gnosis* em grego, tem em comum a raiz indo-européia *gno* que significa conhecer (FEUERSTEIN, 2006 p.67). O Jnâna-Yoga é chamado o caminho da visão do olho da sabedoria.

Assim a visão do olho da sabedoria, auxiliaria o praticante na busca do discernimento entre o real e o irreal pelo cultivo do conhecimento. O silêncio aparece como uma ferramenta para aguçar a visão interior. O silêncio para essas tradições espirituais e/ou filosóficas, ao contrário daquilo que normalmente associamos a esta palavra, é ativo. O silêncio ativo, feito de forma deliberada como um exercício de autoconhecimento e consciente é um trabalho de expansão dos sentidos internos que, por sua vez, trará uma translucidez mental para visualizar melhor os pontos de contato entre o interno e o externo.

Swami Sivananda (1887-1963), conhecido orientador de Yoga da Índia, defensor de um yoga de caráter integral e praticante da filosofia Vedanta, em “A Senda Divina”, acerca do silêncio escreveu:

O silêncio é a língua de Brahman (Todo). O silêncio é a língua do coração. O silêncio é a língua do sábio. O silêncio é imensa força. O silêncio é grande eloquência...O objeto da vida é o silêncio. O propósito da tua vida é o silêncio. Por trás de todos os ruídos e sons se acha o silêncio, que é teu ser interno... é a experiência intuitiva. O silêncio ajuda o Ser intuitivo a expressar-se (SIVANANDA, 2006 p.431).³

Esta colocação acima dá ao silêncio um caráter místico, de possibilidade de transcendência do si mesmo. Ele aproxima a palavra silêncio de eloquência. Que eloquência seria esta se não a eloquência do ser interno? É o que nos atesta Sivananda, ao complementar seu pensamento ao dizer que o silêncio ajuda na expressão da intuição.

Mais adiante, Swami Sivananda continua ao abordar que há várias formas de se fazer o silêncio físico conectando o silêncio não só à ação da fala, mas estendendo-o para outros órgãos do sentido como tato, audição e visão. Com isso, o que o autor propõe é que estes sejam os primeiros passos do silêncio, mas o que realmente se requer é o silêncio da mente balbuciante. Mesmo atividades como imaginação, memória, razão, subconsciente e outras devem aos poucos estabelecerem-se em um descanso de silêncio profundo. Assim sendo, a observação dos impulsos internos levaria a uma observação e entendimento também das reações externas.

³ Tradução minha de edição em espanhol do livro *A senda divina* de Swami Sivananda.

Dentre os upanishads⁴ mais conhecidos e relatados na cultura indiana e reconhecidos pelo grande propagador da filosofia Vedanta⁵, Shankara⁶, está o Chandogya Upanishad⁷. Este texto começa por pedir em primeira pessoa do singular para que os sentidos se tornem claros e fortes para que o conhecimento seja bem compreendido como um todo.

Mais adiante no mesmo texto do Chandogya upanishad, é dito que aquilo que é conhecido como voto de silêncio, isso também é, na verdade, continência. Pois o homem, através da continência, percebe o Eu e viveria em calma contemplação.

O ioga de Patanjali⁸ exige principalmente o cessar das atualizações flutuantes da matéria pensante, ou seja, o silêncio mental associado a uma existência virtuosa, a uma higiene de vida, ao domínio da respiração, um adestramento corporal através de diferentes asanas⁹. A meditação, sobre um ponto situado no próprio corpo ou no exterior deve conduzir ao samadhi, um estado em que a dualidade entre o mundo e o ser é abolida. (LE BRETON, 1997 p.223)

O antropólogo David Le Breton (1953 -) investiga sobre o silêncio sob diferentes perspectivas ocidentais e orientais. Dentre os conhecimentos orientais, perpassa pelo budismo, o conhecimento zen, chineses e hinduístas. Nesta parte acima citada aborda o aspecto de Yoga mais conhecido pelo mundo ocidental, que nos chega sob a formulação de Patanjali que prevê passos sucessivos e encadeados para um estado de liberação, ou de união entre o si e o ser Absoluto.

Mais adiante Le Breton descreve que Ramana Maharshi¹⁰ (1878- 1950) considera o silêncio como uma eloquência ininterrupta. E que Maharshi dizia que: “no silêncio entramos em contato íntimo com o que nos cerca”. Descreve também o exemplo de Mahatma Gandhi (1869- 1948), conhecido pacifista indiano, que costumava manter-se silencioso as segundas-feiras, e mesmo quando estava posicionado em situações que necessitavam de articulação retórica, Gandhi buscava não se desligar de seu contato com o silêncio interior (LE BRETON, 1997).

⁴ Upanishads é uma das partes das escrituras mais antigas da Índia. Não se sabe ao certo o número total de upanishads, nem os autores. Sua elaboração é atribuída aos Rishis, chamados sábios de alta intuição. Estimativas datam os upanishads entre os séculos XVI a VII a.C.

⁵ Uma das seis escolas filosóficas indianas, chamada também de não-dualismo.

⁶ Grande promulgador da Filosofia Vedanta. Viveu entre os séculos VIII d.C e IX d.C.

⁷ Um dos Upanishads mais conhecidos, retirado do livro: Os Upanishads: sopro vital do Eterno. De acordo com a versão inglesa de Swami Prabhavananda e Frederick Manchester com tradução para o português de Cláudia Gerpe, em edição atualmente esgotada, publicado em 1999 pela editora Pensamento, São Paulo.

⁸ Atribui-se a Patanjali a escrita de Yoga Sutras, provavelmente em 150 d.C. Obra sobre a prática e filosofia de Yoga feita em aforismos.

⁹ Posturas psicofísicas da prática de Yoga.

¹⁰ Conhecido mestre de Filosofia Vedanta, oriundo do sul da Índia.

O Silêncio para o Aprender a Ser

O silêncio, como uma ferramenta auxiliar no processo de *Aprender a Ser*, é um estado de ser que pouco aprendemos ao longo de nossas diversas formações, escolares, sociais, familiares e etc. Aprender a Ser de acordo com o Relatório Jacques Delors significa o desenvolvimento pleno do homem em toda a sua riqueza e complexidade: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. (DELORS, 2000 p.99)

As formações e os currículos escolares acabam por serem mínimos e fragmentados. Em sua maioria não fornecem uma visão do todo e nem favorecem o diálogo de saberes (PETRAGLIA, 1995 p.69). Isto porque aprendemos as disciplinas fechadas, sem correlações com a vida, desarticuladas dos processos emocionais, psíquicos e espirituais. Passamos anos e anos em bancos escolares trabalhando conhecimentos que se fecham - e nos fecham - para uma estagnação que não tolera dimensões poéticas e, sem querer, reproduzimos em nossas práticas esta tendência fragmentária e de fechamento insular.

Então, desvelar a relação entre os múltiplos níveis de realidade e percepção, muito mais que ater-se as separações e fragmentações, isto é transdisciplinaridade, ou ainda transhumano. Assim poderíamos posicionar o silêncio como um aspecto do sagrado inerente ao ser humano. Uma brecha atemporal que se abre dentro da linearidade do tempo para o sujeito se perceber, e neste exercício, com lucidez buscar as alternativas, caminhos e soluções para o seu desenvolvimento integral.

A Educação ainda é um tesouro a descobrir como aponta o relatório Jaques Delors da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, citado por Basarab Nicolescu no Manifesto da Transdisciplinaridade. Neste sentido, encontrar os meandros da percepção, como este “olhar de dentro”, pode significar em contribuição para os pilares básicos essenciais a um novo conceito de Educação: *aprender a Conhecer, aprender a Viver juntos, aprender a Fazer e aprender a Ser*.

E se os aspectos transdisciplinares e transhumanos nos ajudem no caminho de Aprender a Ser (relatório Jaques Delors) ou Ser Mais (Paulo Freire), acredito que dialogar com correntes filosóficas orientais seja uma emergência de nossos tempos. Neste diálogo, é muito importante o rigor e o discernimento em estado de atenção, para que o mesmo não seja uma mera apropriação de conhecimento de uma ou outra parte, mas para um profícuo trabalho de emancipação e autoconhecimento daqueles que o buscam.

O relatório Delors cita o relatório Aprender a Ser de 1974, onde está postulado que o desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos. Acrescenta, ainda, que o desenvolvimento do ser humano é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro (DELORS, 2000 p.101).

No mesmo caminho do Aprender a Ser aqui relatado, Edgar Morin (2005) fala sobre o Aprender a Viver. Discute sobre a necessidade da Educação em ensinar a transformar o conhecimento em sapiência para que possamos lidar com nossos mecanismos mentais, cognitivos e psíquicos de forma integral. E isto passa pelo autoconhecimento que o exercício do silêncio pode representar para o Aprender a Viver e a Ser que o relatório Delors apresenta.

A Educação, ou seja, a formação humana como um todo, não é um amontoado de conhecimentos estanques centralizados ou nos sujeitos ou nos objetos. Ao contrário é um processo dinâmico que coloca em interação estas partes que se reconhecem numa rede complexa de trabalho individual e coletivo.

O Silêncio como sensibilização para uma ética ambiental

Encontra-se no educador Paulo Freire (1921-1997) sobre a temática do silêncio. Como um militante de uma pedagogia emancipatória da esperança e do oprimido como foi, para ele o diálogo é premissa do trabalho emancipatório, constituidor de novas relações. Segundo Freire, a dialogicidade é essência da educação como prática de liberdade. Poderia a partir disso pensar que o silêncio seja conflitivo no processo educar-aprender apresentado na dialogicidade. Porém, Freire ilumina com suas palavras- semente de novos pensares, dizendo que:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, ao exigir deles novo pronunciar. [...] Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE, 1997 p.108).

Como constatado aqui, Freire atenta para a força da palavra, da ação e da práxis. O silêncio já é deveras vivenciado em nossas relações diárias estabelecidas em tensões de opressão como nos aponta o autor. Mas explica em importante nota de rodapé, ainda na

mesma página, de que não se refere ao silêncio das meditações profundas daqueles que se afastam do mundo de forma aparente para admirá-lo. Ressalta que essas formas de recolhimento só sejam verdadeiras quando os homens se encontram “ molhados” de realidade e não estejam apenas fugindo numa espécie de “esquizofrenia histórica” (Paulo Freire, 1997)

Se o diálogo é exigência existencial do ser humano para o aprimoramento da relação eu-tu, não seria por acaso, o seu par aparentemente contrário do silêncio - assim como é entendido por correntes orientais - uma ferramenta vital para a manutenção do próprio diálogo?

Pois o silêncio abordado aqui a partir de tradições orientais, como anteriormente descrito, visa o aprimoramento da escuta atenta do ser interno. A partir disto, acredito que esta escuta interior não nos distancia da realidade, mas ao contrário, nos “encharca” da realidade como diria Paulo Freire, porque aguça a observação do si mesmo, que reverbera na relação do si com o outro e o mundo.

Nesta trajetória de auto-observação impulsionada pelo Silêncio investigado aqui, se configura um sentido de educabilidade ambiental. Isto porque esta observação do Silêncio, que a filosofia iogue denomina Mouna, se caracteriza como um exercício ético (yama em sânscrito) sobre a observação do si mesmo, que é ao mesmo tempo, a observação do si mesmo na relação com o outro. Assim o silêncio pode representar uma concretização prática de uma “auto-ética” como fala a concepção moriniana e estimular o sentido de alteridade.

O esforço permanente da auto-observação suscita uma nova consciência de si que nos permite nos descentrar em relação a nós mesmos, logo de reconhecer o nosso egocentrismo e de medir o grau das nossas carências, lacunas, fraquezas. (MORIN, 2005 p.94)

O sujeito, na visão moriniana do pensamento complexo, é aquele capaz de se auto-organizar e de estabelecer relações com o outro, transformando-se continuamente. É nessa relação que ele encontra a autotranscendência, superando-se, interferindo e modificando o seu meio numa auto-eco-organização a partir de uma dimensão ética.

Nesta proposição, o Silêncio pode configurar como um dispositivo para auto-ética em Morin. Ademais este autor argumenta em favor de uma necessidade de reabilitação da introspecção e o processo de autoanálise deveria ser ensinado desde o começo para tornar-se um hábito corriqueiro (MORIN, 2005). E, ao pensar a partir da inspiração de Jean Paul Sarte, que diz que o homem ao escolher pelo trabalho de conhecimento de si mesmo, estaria também

escolhendo por toda a humanidade. Pois pensar no cuidado de si é simultaneamente pensar no cuidado do outro.

É no trabalho desta reabilitação do ser existencial, da ontologia do ser, é que surge o alargamento da consciência de si que gera assim um aprimoramento nas relações com o outro. A ética ambiental está na relação eu-tu, humano e natureza, na relação humano e humano, na relação humano e não-humano.

Considerações Finais

*um bom poema
leva anos
cinco jogando bola,
mais cinco estudando sânscrito,
seis carregando pedra,
nove namorando a vizinha,
sete levando porrada,
quatro andando sozinho,
três mudando de cidade,
dez trocando de assunto,
uma eternidade, eu e você,
caminhando junto¹¹*

Paulo Leminski

Assim como no início, o fim reencontra a poesia de Leminski para ousar suas considerações. Ao tomar por empréstimo os últimos versos, *eu e você, caminhando junto* para representar a relação eu-tu, ou a relação eu e o outro que nos constitui enquanto humanidade em nossa busca por ser. *Um bom poema leva anos*, evidencia como uma existência se constitui na temporalidade.

O educador ambiental como intérprete de seu tempo, busca compreender o ambiente e seus desafios para tencionar outras percepções nas relações entre humanos e não-humanos e natureza. Para isso o próprio questionar de como a sociedade ocidental do capital se relaciona com o tempo já pode significar em uma possível contribuição para o campo, porque questiona não só aspectos filosóficos do humano, mas constitutivos de uma compreensão maior do que vem a ser a práxis política.

Para isso buscou-se aqui a inspiração do entendimento de Silêncio em concepções orientais para a criação de espaços que propiciam aberturas na sensação do tempo

¹¹ Poema de Paulo Leminski disponível em <http://www.pauloleminski.com.br/>

comprimido da contemporaneidade. Este silêncio, por sua vez, corresponde a um sentido de sensibilização ambiental promotora de uma auto ética que transborda em uma ética para com o outro.

Na guerra do tempo contra tempo da hipermodernidade do consumo e da eficácia pela mera eficácia, o lugar da Educação Ambiental está em se posicionar sobre que relação de tempo é esta a que somos obrigados a ter. O campo da Educação Ambiental é um terreno fértil para a germinação de ideias de enfrentamento ao tempo do relógio do consumo, que ao que tudo indica é diferente do tempo cósmico e terrenal, ou de *kairós*¹² como os gregos mencionavam.

Referências

ABREU JUNIOR, Laerthe. **Conhecimento Transdisciplinar: o cenário epistemológico da complexidade**. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

ALBUQUERQUE FILHO, Dinarte. **Leminski: “o samurai-malandro”**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W. e OLIVEIRA, L. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo-SP: Cortez, 2000.

FEURSTEIN, George. **A tradição do yoga: história, literatura, filosofia e prática**. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE BRETON, David. **Do silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

¹² Para os antigos gregos, o tempo possuía duas possibilidades linguísticas distintas. A primeira delas *chronos*, sendo a mais conhecida pois se parece com a aceção de tempo sequencial que temos na atualidade. A outra, *Kairós*, que simbolizava o melhor instante no presente, referindo-se assim a um tempo qualitativo, enquanto *chronos* era quantitativo.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **A educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SIVANANDA, Swami. **Senda Divina**. Madrid-Espanha: Ediciones Libreria Argentina, 2006.

SORRENTINO, Marcos. e Cols. **Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista**.

In: Revista ambientalMENTEsustentable, ano V, vol. I, núm. 9-10, pp. 7-35, 2010.